



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA - CAMPUS IV  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS - CCHA  
DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES - DLH  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

**MARIA APARECIDA GOMES DOS SANTOS**

**SUBMISSÃO E SUPERAÇÃO NA TRAJETÓRIA DA PERSONAGEM RAMI NA  
OBRA *NIKETCHE: UMA HISTÓRIA DE POLIGAMIA***

**CATOLÉ DO ROCHA - PB  
2015**

**MARIA APARECIDA GOMES DOS SANTOS**

**SUBMISSÃO E SUPERAÇÃO NA TRAJETÓRIA DA PERSONAGEM RAMI NA  
OBRA *NIKETCHE: UMA HISTÓRIA DE POLIGAMIA***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Licenciatura Plena em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Graduada em Licenciatura Plena em Letras.

Orientador: Prof. Ms. Doralice de Freitas Fernandes

**CATOLÉ DO ROCHA - PB  
2015**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S237s Santos, Maria Aparecida Gomes dos.  
Submissão e superação na trajetória da personagem Rami na obra Niketche [manuscrito] : uma história de poligamia / Maria Aparecida Gomes dos Santos. - 2015.

22 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Agrárias, 2015.

"Orientação: Profa. Ma. Doralice de Freitas Fernandes, Departamento de Letras e Humanidades".

1. Rami. 2. Submissão. 3. Superação. I. Título.

21. ed. CDD 801.95

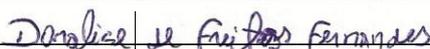
**MARIA APARECIDA GOMES DOS SANTOS**

**SUBMISSÃO E SUPERAÇÃO NA TRAJETÓRIA DA PERSONAGEM RAMI NA  
OBRA *NIKETCHE: UMA HISTÓRIA DE POLIGAMIA***

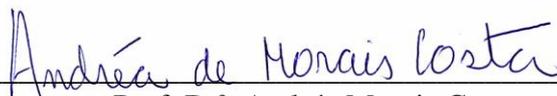
Trabalho de conclusão de curso apresentado ao  
Curso de Graduação em Licenciatura Plena em  
Letras da Universidade Estadual da Paraíba,  
como requisito parcial à obtenção do título de  
Graduada em Licenciatura Plena em Letras.

Aprovada em: 16/06/2015.

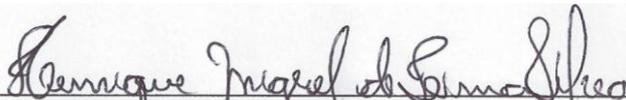
**BANCA EXAMINADORA**



Prof.<sup>a</sup>. Ms. Doralice de Freitas Fernandes - Orientadora  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr.<sup>a</sup>. Andréa Moraes Costa  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Ms. Henrique Miguel de Lima Silva  
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

*À minha mãe, por tudo que representa para mim.  
A toda minha família.  
Ao meu pai e ao anjo Pedro Lucas (in memoriam).  
Aos meus colegas do curso.  
Aos amigos Francisco, Eivaldo, Edson, William Renato e Glaube.  
Às mulheres de Moçambique.*

## SUBMISSÃO E SUPERAÇÃO NA TRAJETÓRIA DA PERSONAGEM RAMI NA OBRA *NIKETCHE: UMA HISTÓRIA DE POLIGAMIA*

Maria Aparecida Gomes dos Santos<sup>1</sup>

### RESUMO

O presente trabalho tem como objeto de estudo o romance *Niketche: uma história de poligamia*, da escritora moçambicana Paulina Chiziane. O objetivo é analisar aspectos da submissão e superação de Rami, personagem central e narradora da obra. Metodologicamente, esta pesquisa se classifica de como descritiva-interpretativa, de natureza qualitativa, uma vez que pretendemos descrever e interpretar a obra citada, no intuito de evidenciar a construção da personagem Rami, no que se refere à trajetória de submissão e superação. Nesse sentido, as análises apontam que a personagem sai de zona de silêncio e submissão da condição feminina para um lugar no qual é possível subverter a ordem patriarcal da poligamia, no interior da sociedade moçambicana. Para isso, amparamo-nos teoricamente nas discussões de autores como Beauvoir (1970), Lins (2011) e Perrot (2005).

**PALAVRAS-CHAVE:** Rami. Submissão. Superação.

---

<sup>1</sup> Aluna de Graduação em Licenciatura Plena em Letras na Universidade Estadual da Paraíba – Campus IV.  
Email: tida\_riacho-pb@hotmail.com.

*A mulher é uma camisa que o homem usa e despe, é um lenço de papel, que se rasga e não se emenda. É sapato que descola e acaba no lixo” (CHIZIANE, 2004, p.54).*

*Tão longe se possa olhar no horizonte da história, vê-se apenas a dominação masculina (Michelle Perrot).*

## **INTRODUÇÃO**

O presente trabalho tem por objetivo analisar aspectos da submissão e superação de Rami, protagonista e narradora da obra “Niketche: uma história de poligamia” (2004), de Paulina Chiziane, escritora moçambicana. Na trama, a personagem passa por situações de toda natureza que a fazem ter um olhar diferenciado sobre sua vida, a partir de uma descoberta que modifica sua rotina: a poligamia do esposo. Em um ambiente mesclado, constituído de fortes traços tradicionais, em que a igualdade dos gêneros é inexistente, haja vista a inferioridade relacionada ao sexo feminino, à mulher é retratada como menos importante no contexto social da obra em análise.

A personagem juntamente com suas aliadas, as demais esposas de Tony, o marido de Rami, voltam-se contra o sistema vigente, no intuito de possuir uma maior autonomia do sexo feminino. As várias figuras femininas se contrapõem ao jugo patriarcal e buscam por mais visibilidade, igualdade e independência.

A análise dessa obra está embasada nas reflexões de autores como Beauvoir (1970), Lins (2011) e Perrot (2005). Optamos por analisar o romance em questão e, ao mesmo tempo, trazer as discussões teóricas a respeito das questões de gênero, de poligamia, de condição feminina no contexto moçambicano. Trata-se de uma pesquisa descritiva-interpretativa, de natureza qualitativa, pois objetivamos descrever e interpretar a obra, no intuito de evidenciar a construção da personagem Rami, nos limites da submissão e da superação.

Este artigo estrutura-se do seguinte modo. Além dessa introdução, dividimos este texto em mais seis tópicos. No tópico seguinte, trataremos de discutir brevemente a questão da condição feminina. Em seguida, debateremos, a partir da análise da obra, aspectos referentes ao gênero, no tópico posterior, a discussão centra-se sobre os conflitos sofridos por Rami, os quais advêm da poligamia. O tópico seguinte, por sua vez, trata da subversão à ordem patriarcal, tendo em vista a superação de Rami. Por fim, no último tópico tecemos breves considerações de cunho conclusivo.

## 2. NOTAS SOBRE A CONDIÇÃO FEMININA

Desde tempos imemoriais e em diferentes culturas, a condição feminina esteve marcada pelo estigma da inferioridade em relação ao regime do patriarcalismo. Historicamente, a mulher subjugou-se ao poder do homem, sendo propriedade deste. Assim, se na infância e em boa parte da adolescência, a mulher estava sob a guarda do pai, ao casar-se, deveria obedecer de modo irrestrito às vontades e desejos do seu cônjuge, pois, caso contrário, poderia ser devolvida à família e sofrer todas as sanções que esta situação lhe causaria. Além disso, até bem pouco tempo, em diferentes partes do mundo, a mulher não tinha direitos garantidos, de modo que dependia única e exclusivamente dos seus pais e maridos, tanto do ponto de vista financeiro, como em relação à sua integridade física e psicológica.

Isso explica, portanto, um histórico de agressões físicas e morais sofridas pela mulher, em função do poder exercido pelo ser masculino. Essas agressões, por sua vez, são decorrentes de atitudes de transgressão e resistência de muitas mulheres que não aceitaram as condições de submissão que lhe eram impostas.

Segundo Beauvoir (1970, p.8) “sem dúvida, a mulher é, como o homem, um ser humano. Mas tal afirmação é abstrata; o fato é que todo ser humano concreto sempre se situa de um modo singular”. Percebe-se aqui a condição da mulher diante de uma sociedade paternalista que não a situa num lugar que é dela, ela vive num contexto de não lugar. Ainda nas palavras da autora: “Uma mulher expulsa daqui e dali, eternamente à busca de um apoio, numa sociedade onde só é considerada mulher aquela que pode parir. E quem a faz sentir-se assim? A sociedade, os homens, as próprias mulheres [...]” (BEAUVOIR, 1970, p.136).

Nesse Coelho (1993, *apud* Nascimento, 2011) enfatiza que a mulher passou por um processo de gestação num amadurecimento crescente de sua consciência crítica. Esta se configura na tentativa de se posicionar em relação à falência do sistema patriarcal e de modelo comportamental feminino bem como à interdependência nas múltiplas formas de criação literária. Surge uma nova mulher que tende a partir de uma consciência feminina romper os limites do próprio eu e mergulhar na esfera do Outro. Isso significa que da submissão a mulher passa gradativamente à transgressão, isto é, à mudança e redescoberta de novas dimensões.

Para Hall (2006, p.9), as mudanças estruturais estão transformando as sociedades modernas no final do século XX e isso significa que está havendo uma fragmentação do sujeito e das sociedades: “estas transformações estão mudando nossas identidades pessoais,

abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados”. Está acontecendo, então um “deslocamento” ou “descentração do sujeito” intensificado pela chamada “globalização”. No entanto, essas transformações estão relacionadas às particularidades de aspectos culturais, conforme será demonstrado nos tópicos a seguir.

### **3. DICOTOMIA DE GÊNEROS EM *NIKETCHE*: UMA HISTÓRIA DE POLIGAMIA**

No romance *Niketche uma historia de poligamia*, de Paulina Chiziane, a autora retrata questões de gênero, poder masculino, subjugação do feminino e as diferenças dicotômicas entre os papéis desempenhados por ambos em uma sociedade patriarcal, com fortes traços arraigados em culturas que constituíram a base da sociedade moderna de Moçambique, um misto de civilização cristã com forte tradicionalismo tribal.

Rosa Maria, a Rami, é uma mulher cristã nascida no sul de Moçambique, localidade com fortes aspectos relativos à colonização portuguesa. A personagem é casada com António Tomás, o Tony, um Oficial de Polícia que, no decorrer do romance, mostra-se, de certa forma, alheio para com sua esposa, e esta vai aos poucos percebendo que algo está diferente. “O Tony é o culpado de tudo isto. Sempre ausente. Primeiro foi uma noite de ausência, depois outra e mais outra. Tornou-se hábito” (CHIZIANE, 2004, p. 12).

Ao completar vinte anos de casada, Rami descobre que seu marido Tony possui outras quatro “esposas”: Julieta, Luísa, Saly e Mauá Sualé. Ao descrever tal descoberta, Rami confessa:

O coração do meu Tony é uma constelação de cinco pontos. Um pentágono. Eu, Rami, sou a primeira dama, rainha mãe. Depois vem a Julieta, a enganada, ocupando o posto de segunda dama. Segue-se a Luísa, a desejada, no lugar de terceira dama. Saly, a apetejada, é a quarta. Finalmente a Mauá Sualé, a amada, a caçulinha, recém adquirida. O nosso lar é um polígono de seis pontos. É polígamo. Um hexágono amoroso. (CHIZIANE, 2004, p.58).

Com o choque da descoberta da poligamia do marido, Rami entra em um estágio de total reflexão, pois passa a questionar a sua atual condição de mulher traída e o seu espaço na sociedade. A princípio, sente-se desamparada e deslocada, questionando sua identidade: “Na terra do meu marido sou estrangeira. Na terra de meus pais sou passageira. Não sou de lugar nenhum. Uma sombra sem sol, nem solo, nem nome.” (CHIZIANE, 2004, p.90). Neste contexto, nota-se o deslocamento e os conflitos internos de uma mulher que não consegue se situar de forma sólida na sociedade em que ela se encontra, tendo em vista que a mesma não consegue definir sua própria identidade, de modo a corroborar a crise de identidade de que

fala Bauman (2008). Para esse autor, a identidade na chamada pós-modernidade é instável, cambiante, móvel. Esse processo, portanto, envolve o sentimento de crise da personagem Rami.

A partir do fato da descoberta, a personagem principal age de forma a compreender primeiramente a situação particular em que ela está inclusa, e passa então a lutar pelo seu casamento. Na voz de Rami: “Desperto inspirada. Hoje quero mudar o meu mundo. Hoje quero fazer o que fazem todas as mulheres desta terra. Não é verdade que pelo amor se luta? Pois hoje quero lutar pelo meu. Vou empenhar todas as armas e defrontar o inimigo, para defender o meu amor” (CHIZIANE, 2004, p.19). Podemos observar na citação o modo como Rami se coloca em relação aos problemas que a afetam, por meio de uma postura ativa e corajosa.

No decorrer da trama, Rami questiona os motivos das traições sofridas por ela e descobre que seu marido está vivendo paralelamente com cinco esposas. Com seu casamento correndo risco, Rami busca desvendar toda trama de mentiras feita por Tony e passa a fazer buscas por toda Moçambique a fim de encontrar suas “rivais”.

Conforme esclarece Afonso (1992), na cultura africana, particularmente em Moçambique, as questões de gênero são bem polarizadas, de um lado vemos a figura masculina dotada de muitos privilégios e assumindo assim um papel dominador em relação ao sexo feminino. Do outro, vemos a figura feminina tendo um papel bem à margem da sociedade e desempenhando atividades meramente corriqueiras, fadadas às tarefas domésticas como cuidar da casa e dos filhos, além de enfrentarem situações de violência, poligamia, que são amparadas pelo próprio sistema, de acordo com o que podemos observar no fragmento: “Devem servir o vosso marido de joelhos, como a lei manda. Nunca servi-lo na panela, mas sempre em pratos. Ele não pode tocar na loiça nem entrar na cozinha.” (CHIZIANE, 2004, p.126). Noutra passagem, Rami relata: “somos éguas perdidas galopando a vida, recebendo migalhas, suportando intempéries, guerreando-nos umas as outras” (CHIZIANE, 2004, p.105).

Por questões culturais que remetem a tempos ancestrais, a mulher é retratada como um ser à margem, inferior ao homem, um objeto de trabalho para desempenhar tarefas domésticas ou mero objeto sexual. A situação feminina é difícil em todas as partes do mundo, mas principalmente no continente africano onde a maioria dos direitos são negados às mulheres, pois estas são submetidas a casamentos arranjados pela família, ou são tratadas como mercadorias ou como força de mão-de-obra.

Tornando-se propriedade exclusiva dos maridos, as mulheres são submetidas a humilhações e violências constantes e inomináveis. Nas próprias palavras de Rami, personagem central da trama, é perceptível essa indagação: “esposa ou amante, a mulher é uma camisa que o homem usa e despe. É um lenço de papel, que se rasga e não se emenda. É sapato que se descola e acaba no lixo” (CHIZIANE, 2004, p.54).

O homem na sociedade moçambicana está amparado pela cultura, pela tradição e pelas leis, ele tem o papel de prover a casa, sustentar a família. Embora não seja explícito, é perfeitamente aceitável na sociedade moçambicana a prática de relações poligâmicas, onde um homem exerce direito sobre várias mulheres, constituindo diferentes famílias. No romance esse é o perfil que define Tony, inclusive, o próprio tem ciência disso. Em certa parte, quando é questionado sobre sua vida polígama, retruca e tenta justificar sua condição argumentando, “Ter muitas mulheres é direito que tanto a tradição como a natureza me conferem.” (CHIZIANE 2004, p.28). De modo geral, a ideia da supremacia do sexo masculino está estabelecida desde os tempos ancestrais, em que o homem vivia sob o julgo selvagem da natureza.

Nos períodos pré-históricos, o homem por uma questão física, ficava encarregado de tarefas mais árduas como; caçar grandes animais, enquanto as mulheres eram responsáveis por tarefas de menor grau de periculosidade como; cuidar dos filhos, colher frutos, etc (LINS, 2011). Este arcaico pensamento que sugere uma suposta supremacia masculina, se mantém inalterado, em grande parte do mundo, até o presente, mesmo com o passar das eras. Muitas culturas e religiões disseminam esses preceitos e sustentam esses estigmas, vitimando o sexo feminino com violências de toda natureza. A mulher, desde os tempos primeiros, é mencionada com um ser secundário ou fonte de pecado e mentiras.

Nas passagens bíblicas, é possível encontrar várias referências que denotam certo tom pejorativo à figura da mulher, o que faz com que se criassem representações negativas acerca da mulher (PERROT, 2005). Eva provida da costela de Adão, o levou a comer do fruto proibido e, com isso, foram expulsos do paraíso. Outra figura marcante enquadrada pelo mesmo viés é Dalila, responsável pela queda do herói bíblico Sansão. Entretanto, principalmente nas culturas orientais fundamentadas pela religião islâmica, a figura feminina tem seu poder minimizado em todas as esferas e são submetidas a rigorosas normas. Não podem sair sozinhas de casa, mantêm sempre seus corpos inteiramente cobertos, enfim, há uma variedade de restrições às quais as mulheres são impostas. Na sociedade ocidental, as limitações ocorrem de forma mais implícita, porém não menos existentes, cruéis e enraizadas na cultura e no pensamento machista.

O romance retrata uma sociedade moçambicana fortemente marcada pela diversidade étnica, cultural e religiosa, um ambiente dotado de muitas nuances que resultam em conflitos de gêneros, costumes e estratificações sociais. Na trama, tais traços são simbolizados por vários aspectos; a diferença entre o norte e o sul, as várias etnias das esposas de Tony, os diferentes costumes, ritos e crenças. Movida pela curiosidade, Rami percorre Moçambique de norte a sul buscando sua essência feminina e encontra realidades muito distintas à sua e ao mesmo tempo convergentes em um único ponto, a dependência das mulheres, às figuras patriarcais do pai e do marido, no caso específico da trama, a dependência que todas têm em relação a Tony.

Rami é uma moça sulista, com fortes traços coloniais lusitanos, em suas palavras, a narradora e personagem principal relata o modo como ela e outras jovens são criadas desde muito cedo para o casamento, “Comecei a fazer o enxoval aos quinze anos, fiz colchas e toalhas em croché. Toalhas bordadas, com o ponto pé de flor, ponto pé de galo, ponto de cruz, ponto jugoslavo, ponto grillhão. Fiz curso de cozinha e tricô.” (2004, p. 35). As mulheres da região de Rami eram doutrinadas desde cedo para constituírem família, família esta norteadada por preceitos cristãos e costumes patriarcais.

Diferentemente do sul, o norte de Moçambique, terra natal de Tony, as mulheres desde o início da adolescência são submetidas precocemente a uma educação sexual mais voltada para o erotismo feminino. As jovens quando estão prestes a casar realizam a Niketche, uma espécie de ritual/dança sensual oriunda das regiões da Zambézia e Nampula, norte de Moçambique, com forte apelo sexual que nas próprias palavras de Rami é descrita como: “Uma dança do amor, que as raparigas recém-iniciadas executam aos olhos do mundo, para afirmar: somos mulheres. Maduras como frutas. Estamos prontas para a vida!” (CHIZIANE, 2004, p.160).

Segundo Beauvoir (1970, p.67), “[...] o casamento não é apenas uma carreira honrosa e menos cansativa do que muitas outras: só ele permite à mulher atingir a sua dignidade social integral e realizar-se sexualmente como amante e mãe. É sob esse aspecto que os que acercam encaram seu futuro e que ela própria o encara. Admite-se unanimemente que a conquista de um marido — em certos casos, de um protetor — é para ela o mais importante dos empreendimentos”. Vejamos um fragmento da obra:

Niketche. A dança do sol e da lua, dança do vento e da chuva, dança da criação. Que imobiliza o corpo e faz a alma voar. As raparigas aparecem de tanga e missangas. Movem o corpo com arte saudando o despertar de todas as primaveras. Ao primeiro toque do tambor, cada um sorri, celebrando o

mistério da vida ao sabor do Niketche. Os velhos recordam o amor que passou, a paixão que se viveu e se perdeu. As mulheres desamadas reencontram no espaço o príncipe encantado com que cavalgam de mãos dadas no dorso da lua. Nos jovens desperta a urgência de amar, porque o niketche é sensualidade perfeita, rainha de toda a sensualidade. Quando a dança termina, podem ouvir-se entre os assistentes suspiros de quem desperta de um sonho bom (CHIZIANE, 2004, p.160).

Acerca da metáfora da dança, é importante considerar que essa dança reflete a condição instável de Rami, numa busca por descobrir sua identidade, tendo em vista a questão da poligamia, o amor por Tony, a existência dessa personagem no contexto cultural que a cerca. Noutra passagem a personagem revela: “a vida é uma grande dança” (CHIZIANE, 2004, p.16). Vejamos a questão da poligamia no tópico a seguir.

#### **4. A POLIGAMIA: CONFLITOS INTERIORES E EXTERIORES DE RAMI**

No desenrolar da trama, Rami começa a suspeitar da infidelidade de seu marido e posteriormente com as descobertas das traições, a protagonista sente-se violentada em sua essência de mulher, haja vista, que em dado momento, sob forte reflexão questiona-se: “Poligamia é um uivo solitário à lua cheia. Viver a madrugada na ansiedade ou no esquecimento. Abrir o peito com a mão, amputar o coração. [...]” (CHIZIANE, 2004, p.93). A personagem prossegue: “Não é poligamia coisa nenhuma, mas uma imitação grotesca de um sistema que mal domina. Poligamia é dar amor por igual, de uma igualdade matematicamente exacta” (CHIZIANE, 2004, p.94). Neste trecho, a personagem lamenta não o fato da poligamia em si, mas o sentimento da rejeição.

Rami sente-se acima de tudo abandonada pelo marido. Este, por sua vez, segundo a própria narradora, não dar amor igual a todas suas mulheres, apenas faz a elas escassas visitas a fim de saciar seus desejos carnisais. Movida pela indignação, Rami indaga Tony sobre seu comportamento polígamo, ressaltando que traição é crime, e este por sua vez não dá a devida importância às queixas de sua esposa. “traição? Não me faça rir, ah, ah, ah, ah! A pureza é masculina, e o pecado é feminino. Só as mulheres podem trair, os homens são livres, Rami.” (CHIZIANE, 2004, p.29).

O homem em sua essência pura representa o estado como um todo, sem abertura à igualdade de gênero, acima de questionamentos éticos, trazendo consigo todo o poder que a própria lei e as tradições lhe conferem. Em contraponto, as figuras femininas, sempre submissas, citadas como impuras ou fonte de pecados, dependentes muitas vezes de uma

condição desfavorável sendo marginalizadas e tratadas como qualquer item doméstico, “Em algumas regiões do norte de Moçambique, o amor é feito de partilhas. Partilha-se mulher com o amigo, com o visitante nobre, com o irmão de circuncisão. Esposa é a água que se serve ao caminhante, ao visitante.”

Em suas buscas por Moçambique, Rami e as outras mulheres de Tony entram em confrontos físicos, disputando seu amor, e para a surpresa da esposa “verdadeira”, as outras ao que tudo indica, sabem que Tony já é casado, mas esse detalhe para elas, não faz muita diferença. Uma das amantes, ao discutir com Rami, argumenta sem o menor pudor, “eu sou pobre. Sem pai, nem emprego, nem dinheiro, nem marido. Se não tivesse roubado o teu marido, não teria nem filhos, nem existência.” (CHIZIANE, 2004, p.74). Essa voz revela, portanto, a situação de dependência e desamparo das mulheres moçambicanas, as quais necessitam da presença masculina, principalmente do ponto de vista financeiro.

Em um país pobre como Moçambique, com forte dominação masculina (AFONSO, 1992), onde as mulheres não são inclusas no mercado de trabalho ou sem acesso à educação de qualidade, uma mulher sem marido está fadada a uma situação de extrema necessidade, e para suprir esse déficit, se sujeitam a situações de extrema humilhação, pouco se importando com questões éticas ou religiosas. Até este ponto não passa pela mente de Rami qualquer aproximação amistosa em relação suas rivais.

Nascida em berço católico, a ideia de relações extraconjugais é inconcebível à sua criação. Não existe em sua mente a ideia de que suas rivais, assim como ela, também sejam vítimas do próprio sistema. No trecho, “— Agrediste a vítima e deixaste o vilão. Não resolveste nada. (CHIZIANE, 2004, p. 27)”, a voz da consciência de Rami lhe fala após a descoberta de mais uma traição e que, pouco adiantará para ela, relutar contra os efeitos e esquecer o responsável causador das atribuições.

Desamparada com sua situação, Rami, para tentar salvar seu casamento, recorre à religião e ao misticismo. Neste contexto, faz uma visita a uma conselheira amorosa que a orienta ressaltando o poder da essência feminina, “Tu és feitiço por excelência e não deves procurar mais magia alguma. Corpo de mulher é magia. Força, Fraqueza. Salvação. Perdição. O universo cabe nas curvas de uma mulher”. (CHIZIANE, 2004, p.44). De certa forma, a conselheira repassa a Rami que para ela ter sucesso, terá que agradar a Tony na cozinha e na cama. Tal pensamento pode ser entendido da seguinte forma: a culpa será sempre da mulher de não conseguir agradar ao homem, e este, por sua vez irá procurar fora o que não encontra em casa. “— Se o seu marido a deixa, a senhora deve ser azeda, fria. Homem é homem, tem todo o direito de procurarem qualquer lugar o que em casa não há,” (CHIZIANE, 2004, p.52).

Recai sobre a mulher, a culpa pela poligamia do marido, é essa a desculpa dos homens para seus atos polígamos. Rami ainda vê sua situação de uma forma bem superficial, não se dando conta que a poligamia de Tony está ligada a uma série de fatores como; costumes antigos e de ordem econômica. Assim, “num estudo atual de 853 culturas, apenas 16 % são monogâmicas. Isso significa que 84% das sociedades humanas permitem ao homem ter mais de uma esposa de cada vez.” (LINS, 2011, p. 28).

Na história, Tony é um homem poderoso, que detém muitas posses, portanto, esse *status* social também é refletido em relação ao número de mulheres que este possui, e estas por sua vez, mantêm com ele uma relação de dependência financeira, haja vista, que se beneficiam com a situação. Em casos específicos, enlances conjugais desta ordem geram uma vasta prole para servirem de mão-de-obra ao provedor do lar. Tem-se, portanto, uma relação estabelecida em comum acordo, onde cada ator contribui com sua parcela de atribuição.

A figura masculina em Moçambique centraliza todas as questões de gênero, enquanto as figuras femininas ocupam posições periféricas. “O homem é rei, senhor da vida e do mundo. Um mundo onde a mulher é couro. Couro de touro macio e muito bem curtido.” (CHIZIANE, 2004, p.55). Tony é chefe de polícia, respeitado e muito bem visto pelos seus pares, de modo que o fato de ser polígamo, em nada mancha a sua imagem e reputação, haja vista, que ao serem levadas presas pelo policial após uma briga, o mesmo as questiona. “É uma vergonha, duas esposas de uma pessoa tão importante baixarem de nível a este ponto.” (CHIZIANE, 2004, p.59).

Na trama, Rami vivencia grandes momentos reflexivos questionando a si mesma a respeito de vários pontos, como por exemplo: Se a culpa pelas traições não seria dela mesma, que não soube se conservar bonita com o passar dos anos e em total angústia, procura ajuda de feiticeiros que, mesmo orientando-a de forma positiva, não resolveram a questão em definitivo. Com o desenrolar das descobertas. Rami vai aos poucos teorizando sobre os motivos que levaram Tony a manter enlances amorosos com outras mulheres.

Entre as várias possíveis causas, talvez uma provável crise de meia idade do marido ou resgate da beleza que ele encontrava nela em um passado distante. Em suma, Rami, após desgastar-se psicologicamente com terapias que nada ajudaram a solidificar seu casamento e embates físicos com suas rivais, chega à conclusão de que o motivo principal está na sociedade moçambicana, onde segundo ela, existem poucos homens em relação ao número proporcional de mulheres.

Porém, uma de suas rivais lhe evidencia que, as mulheres moçambicanas costumam manter relações com homens casados, pelo fato destes representarem e proporcionarem renda,

sustento financeiro e proteção. “Há homem em quantidade suficiente. Homens com poder e dinheiro é que são poucos”. (CHIZIANE, 2004, p.67). Esta indagação faz repensar toda a conjuntura da sociedade global, seja ela ocidental, oriental, moderna ou arcaica.

Entretanto, se por um lado as mulheres são como nas próprias palavras de Rami; “interesseiras”, o que seriam os homens então? Para a personagem, a relação homem e mulher é uma via de mão dupla. Se por um lado a mulher se beneficia de comendas financeiras, o homem em troca, prima por atrativos estéticos. “Todo homem exige da mulher um atributo fundamental: beleza. As mulheres exigem dos homens outro atributo: dinheiro. Qual a diferença? Só os homens podem exigir e as mulheres não?” (CHIZIANE, 2004, p.67).

Certamente que tal discurso destoa de uma forma muito superficial as questões de gênero, delimitando assim a história sobre um viés de distância e indiferença onde as relações se baseiam em trocas mútuas, porém, sem mais aprofundamentos íntimos. Em um momento de epifania, Rami, já cansada de seus problemas, se lamenta pelo fato de não conseguir Tony, exclusivo para ela. “Andei em brigas, escândalos, feitiços, escolas de sedução. Do amor o que eu ganhei? Nada! Chatices, só chatices.” (CHIZIANE, 2004, p.67). Aos poucos, Rami vai percebendo que sua experiência pessoal é um exemplo de muitos outros de mesma espécie em seu país, evidenciando de forma clara a condição submissa, conformista e dependente do sexo feminino.

## **5. SUBVERSÃO À ORDEM PATRIARCAL: DECONSTRUÇÃO DA SUBMISSÃO FEMININA**

Após várias ações que não surtiram resultado, a personagem começa a aceitar a possibilidade de viver em um casamento poligâmico. Em diálogo com sua tia Maria, Rami é orientada que este tipo de enlace nem sempre resulta em discórdia corriqueira, desde que cada esposa tenha sua casa, seus afazeres, enfim seu espaço.

Eram famílias verdadeiras, onde havia democracia social. Cada mulher tinha sua casa, seus filhos e suas propriedades. Tínhamos nosso órgão – assembléia das esposas do rei –, onde discutíamos a divisão de trabalho, decidíamos quem ia preparar os banhos e esfregar os pés, cortar as unhas, massagear a coluna, aparar a barba, pentear os cabelos e outros cuidados. Participávamos na feitura da escala matrimonial de sua majestade, que consistia numa noite para cada uma, mas tudo igual, igualzinho. E ele cumpria à risca. Ele tinha que dar um exemplo de Estado, um bom modelo de família. Se o rei cometesse a imprudência de dar primazia a uma mulher em especial, tinha que suportar as reuniões de crítica dos conselheiros anciões [...] Noto muito orgulho e muita vaidade no tom de sua voz. [...] as

damas não passavam carências de espécie alguma. Nem afetiva. (CHIZIANE, 2004, p.71).

O ponto chave do romance reside principalmente nessa quebra de paradigma, rompendo com dogmas sagrados, além de levar a tona, o preconceito e as humilhações impostas às mulheres. Rami, ao perceber-se como uma peça dentre tantas peças de Tony, resolve escancarar a poligamia do marido em público. Negando assim essa cultura de dominação masculina, a personagem então subverte a ordem estabelecida e questiona seu espaço, as tradições e a religião.

No passado os homens deixaram-se vencer pelos invasores que impuseram culturas, religiões e sistemas a seu bel-prazer. Agora querem obrigar as mulheres a rectificar a fraqueza dos homens. No regime cristão, as mulheres são educadas para respeitar um só rei, um deus, um amor, uma família, por que é que vão exigir que aceitemos o que neles conseguem negar? Negar não é gritar: é olhar a lei, mudar a lei, a desafiar a religião e introduzir mudanças, dizer não à filosofia dos outros, repor a ordem e reeducar a sociedade para o regresso ao tempo que passou”. (CHIZIANE, 2004, p.93).

No norte de Moçambique, a cultura privilegia a mulher enquanto figura meramente simbólica responsável pela fertilidade. Elas vivem uma dura contradição: o regime patriarcal que predomina no sul e as regras da própria tradição que impõem uma posição de inferioridade e de conformismo diante de relações de total submissão.

Na obra, a personagem Tony situa-se em uma zona de conforto, visto que, exerce total dominação sobre suas esposas e aparentemente não mostra qualquer sentimento de culpa por viver enlacedos extraconjugais. A mulher é vista como uma posse, não como um sujeito merecedor de crédito. Neste contexto, a personagem Rami adquire importância tão somente quando resolve evidenciar abertamente ao seu núcleo familiar que, seu marido possui várias esposas e que ao invés de relutar ou reprimir esta condição, faz-se necessário, torná-la pública.

Após sofrer com as descobertas das traições, a personagem entra em atrito com sua condição feminina e a partir daí percorre várias etapas com o intuito de manter-se como a única esposa mesmo que, para isso tenha de rivalizar com outras pelo amor de Tony. Contudo, chega à conclusão de que ela não é a única vítima, mas sim, uma das muitas vítimas do próprio sistema.

O envolvimento de Tony com suas esposas e filhos, é marcado pela ausência constante, ele costuma visitá-los com pouca frequência, visto que, não há envolvimento afetivo mais apurado nestas relações, que ele mantém a fim de obter das mulheres, favores

sexuais. Em certa passagem uma de suas esposas relata como seus filhos cresceram com a ausência diária da figura paterna. “os meus filhos eram cogumelos que o vento fazia crescer. Eram órfãos, nascidos do sexo sem paixão. Os meus filhos só conheciam o pão, não conheciam o amor.” (CHIZIANE, 2004, p. 173). A protagonista passa então a orquestrar com suas antigas rivais, métodos para que, as cinco mulheres e seus filhos tenham seus direitos assegurados, sejam reconhecidos e amparados pelo provedor, lhes assegurando o devido lugar junto à família e à sociedade.

Na festa de aniversário de Tony, Rami convida todas as esposas e filhos daquele, com propósito de mostrar abertamente o que todos já sabiam de forma implícita, de que Tony mantinha uma vida polígama. “No rosto de Tony surpresa, vergonha, lágrimas e raiva. Despimos-lhe o manto de cordeiro diante dos verdugos e crivámos o corpo esfolado com rajadas de chumbo.” (CHIZIANE, 2004, p. 108). Rami tem como principal objetivo criticar a sociedade moçambicana, a cultura de segregação e alertar para a importância e respeito que se deve ter ao gênero feminino.

Após assumir a poligamia em público, Rami detém total controle da situação em que vive, pois, assim, ela governa todas as mulheres, fiscalizando-as e servindo no controle do marido, além de obter a segurança que a muito havia perdido. O poder de primeira esposa em uma relação poligâmica deu a Rami a certeza de que ela era a mulher mais forte para o marido, já que, nas próprias palavras Rami se intitula de: “a primeira dama”. Tony, desta forma, perde seu poder de dominação e fica refém de uma condição por ele mesmo criada. Por consequência, para garantir a manutenção de toda a família, suas esposas acabam por aceitar a poligamia de Tony, estabelecendo regras para que a convivência, assim como as responsabilidades de criação dos filhos e despesas com as propriedades sejam igualitárias entre todas: “nos dias de sua visita, ele terá, à sua disposição, as melhores porções de comida, além de muitos cuidados especiais” (CHIZIANE, 2004, p.140).

Contudo, o que ocorre de fato, é que os princípios, normas e disposições do regime poligâmico fazem com que Tony, obrigado a desempenhar suas funções conjugais rigorosamente elevadas, seja desconstruído diante de suas mulheres. Outro viés abordado no romance, que denota a subjugação de Tony, ocorre quando suas mulheres mudam os passos da Niketche, tendo agora o total controle sexual sobre ele. Antes usadas como objetos sexuais, as cinco mulheres agora usam seu marido, subvertendo os valores internos de Tony e assim minimizando seu poder masculino.

Somos cinco contra um. Cinco fraquezas juntas se tornam força em demasia. Mulheres desamadas são mais mortíferas que as cobras pretas. (...) Era preciso mostrar ao Tony o que valem cinco mulheres juntas. Entramos no quarto e arrastamos o Tony, que resistia como um bode. Despimo-nos, em striptease. Ele olha para nós. Os seus joelhos ganham um tremor ligeiro. (CHIZIANE, 2004, p. 143).

Simbolicamente, a união das cinco mulheres representa todo o conglomerado feminino sem voz ativa na sociedade moçambicana, que resolveu contrapor-se ao pensamento masculino opressor. Com a intenção de persuadir o sexo feminino a uma mobilização mais ampla, indo de encontro às tradições paternalistas, dando voz à mulher silenciada (PERROT, 2005), tornando-a um ser capaz de competir igualmente com o homem. Na parte final do romance, com a suposta e simbólica morte de Tony, Rami mais uma vez torna-se refém das tradições, haja vista, que na sociedade moçambicana, as viúvas são obrigadas a realizar a *kutchinga* (“purificação sexual”).

Nesse ritual, a viúva é obrigada a manter relações sexuais com o cunhado por seis dias consecutivos a fim de espantar os maus espíritos. Ciente do seu destino, a personagem mais uma vez, discorre sobre o fardo de ser mulher em uma cultura onde o sexo feminino é tratado de forma tão marginalizada.

Eu grito, eu pergunto, como é que o Tony morreu e onde, quem o encontrou, quem o matou, como o encontraram, como o identificaram. Aquelas mulheres respondiam-me: porta-te como uma viúva digna. Não compreendia o que estava a acontecer, mas sabia que uma viúva como deve ser não deve perceber nada, nem perguntar, nem sugerir nada, para não ser chamada viúva fresca, viúva alegre. [...] Arrastaram-me para um canto, raparam-me o cabelo à navalha e vestiram-me de preto. Acabava de perder poderes sobre o meu corpo e sobre a minha própria casa. Arrependo-me: por que não assinei aquele maldito divórcio? Tive nas mãos a oportunidade de libertar-me desta opressão e não a tomei. (CHIZIANE, 2004, p.198-199).

Os ritos são partes inerentes à cultura moçambicana e existe uma grande variedade de práticas que podem ser evidenciadas no percurso da protagonista, como a *niketche* que prioriza a mulher como detentora do ritual e em contraposição a *kutchinga*, um símbolo máximo de dominação masculina, que torna a mulher nada além de um objeto sexual. Enfim, os rituais são diferentes em suas essências, mas estimulam o julgo ao sexo feminino. A história se encerra com o a emancipação e reconstrução das vidas das esposas de Tony, este que por sua vez, arrepende-se de suas atitudes e chega à conclusão de que em seu país, a condição feminina se encontra em total desigualdade em relação ao sexo masculino.

O romance realiza em seu curso várias alusões, generalizando aspectos nacionais a partir de fatos específicos como quando se refere ao homem e representa este como a “unidade nacional” e as mulheres, as várias etnias e vozes femininas reprimidas pelo sistema opressor. A obra evidencia, portanto, toda uma conjuntura social marcada pela desigualdade entre os sexos onde tal aspecto é encorajado pelas tradições estabelecidas desde a antiguidade.

Todas as mulheres da trama, após conhecerem Rami, conseguem reverter o estado de submissão econômica e afetiva a que eram submetidas por Tony, passando a buscar novos laços afetivos e reconstruindo suas vidas:

A Lu, a desejada, partiu para os braços de outro com véu e grinalda. A Ju, a enganada, está loucamente apaixonada por um velho português cheio de dinheiro. A Saly, a apetejada, enfeitiçou o padre italiano que até deixou a batina só por amor a ela. A Mauá, a amada, ama outro alguém. (CHIZIANE, 2004, p. 332).

No controle de suas próprias vidas, todas as mulheres do romance, subverteram os padrões vigentes, adquiriram emancipação, tornando-se de fato, representações dos anseios de todo núcleo feminino que luta por melhores condições de vida em Moçambique e que se encontram à margem da sociedade. No término da obra, a condição maternal de Rami é evidenciada, pois esta engravida do cunhado, fechando um ciclo de submissão e subversão da condição feminina na cultura moçambicana.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O presente artigo se propôs a demonstrar fatos referentes à condição feminina em Moçambique, analisando o percurso da personagem Rami, na obra “Nikeche: uma história de poligamia” (2004), de Paulina Chiziane. A autora retrata uma nova concepção de vida para suas personagens, incluindo-as como protagonistas em seu núcleo social. No decorrer da trama, as personagens femininas buscam se opor às tradições do regime patriarcal que as minimizam, com amparo das leis e tradições. A obra mostra pontos de vistas ambíguos entre as pré-disposições dos gêneros sexuais e a quebra de dogmas culturais que agem como norteadores das desigualdades de gênero.

Em seu percurso, a protagonista, refletiu sobre sua condição submissa e a partir desse fato chegou a conclusão que deveria se opor ao sistema e adquirir autonomia, uma nova identidade, e acabou por influenciar o pensamento das demais vozes femininas, propiciando

uma reflexão mútua entre as personagens e a ideia de que elas sejam donas de seus próprios destinos, desconstruindo e superando assim os estigmas de relações submissas, onde não há autonomia e nem emancipação feminina. A escrita de Chiziane, considerada a primeira romancista de Moçambique, especialmente a intenção ficcional da escritora (CANDIDO, 2007), portanto, dá a voz e o tom ao silêncio e aos sofrimentos femininos.

No percurso de Rami, foi possível observar que a personagem se transforma, pois passa de uma condição de submissão, em relação ao modelo patriarcal, em relação a Tony, e os conflitos presentes nessa relação para ocupar uma posição de subversão, quando questiona a poligamia e, junto, com as demais esposas de Tony, objetivam diminuir a influência masculina sobre suas vidas.

Dessa forma, a transformação de Rami constitui uma maneira de mostrar, por meio da literatura, as vivências e as identidades de ser mulher no contexto moçambicano. A denúncia de Chiziane reflete a constituição de um povo, de uma cultura repleta de hibridismos, além disso, revela, principalmente, as falhas de um sistema de organização familiar num processo de decadência. A prova disso é o fato do próprio personagem Tony tomar consciência da condição feminina nesse sistema opressor e desigual.

Paradoxalmente Rami luta contra um sistema opressor, usando o próprio sistema como antídoto, ela traz à tona as chagas de todo um núcleo feminino, a partir de sua situação específica, representa todo um anseio geral, haja vista, que neste processo adquire autonomia não unicamente à ela mas, toda uma classe.

#### **SUBMISSION VERSUS RESILIENCE IN THE PATH OF CHARACTER RAMI IN WORK NIKETCHE: A POLYGAMY STORY ABSTRACT**

The present work has as study object the novel *Niketche: a history of polygamy*, the Mozambican writer Paulina Chiziane, in order to analyze aspects of the submission and overcoming Rami, central character and narrator of the work. For this, theoretically we admitted them in the discussion the authors as Beauvoir (1970), Lins (2011) and Perrot (2005). Methodologically, this research is classified as descriptive of-interpretative, qualitative, because we want to describe and interpret the cited work in order to show the construction of Rami character, in relation to the path of submission and overcoming. In this sense, the analyzes show that the character comes out of silence and submission zone of womanhood for a lugal in which to subvert the patriarchal order of polygamy within the Mozambican society.

**KEYWORDS:** Genre. Paulina Chiziane. Overcoming. Submission.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AFONSO, A. E. S (Coord). **Eu mulher em Moçambique**. Moçambique: Associação dos Escritores Moçambicanos, 1992.

BAUMAN, Z. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: fatos e mitos**. 4 ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

CANDIDO, A. **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

CHIZIANE, P. **Niketche: uma história de poligamia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LINS, R. N. **A cama na varanda: arejando nossas ideias a respeito de amor e sexo**. 5. ed. Rio de Janeiro: BestSeller, 2011.

NASCIMENTO, L. A. Mulheres de Moçambique: impressões subversivas no romance Niketche de Paulina Chiziane, **Revista Athena**, ano 1, n. 1, 2011. Disponível em: <<http://www.ppgel.com.br/Primeiro-Numero-Athena/Mulheres-de-Mocambique-Impressoes-Subversivas-no-Romance-Niketche-de-Paulina-Chiziane>>. Acesso em: 10. jan. 2015.

PERROT, M. **As mulheres ou o silêncio da história**. Bauru: EDUSC, 2005.

